

GABARITO PRELIMINAR / SELEÇÃO PÚBLICA DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO – TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MINAS GERAIS – TJMG



ATENÇÃO: AS QUESTÕES, IDENTIFICADAS POR CONTEÚDO, FORAM EMBARALHADAS, ASSIM COMO AS OPÇÕES DE RESPOSTA. VOCÊ DEVERÁ VERIFICAR E CONFERIR AS QUESTÕES DA SUA PROVA E RELACIONÁ-LAS À RESPOSTA CORRETA DEVIDAMENTE ASSINALADA.

CURSO: SERVIÇO SOCIAL

CONHECIMENTOS BÁSICOS

LÍNGUA PORTUGUESA

01

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. *Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’*. *Nexo Jornal*, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Segundo o texto, a característica que melhor define a vida “on-life” é:

- Incapacidade de reconexão com a vida *offline*.
- Dificuldade de desconexão do universo digital.
- Interconexão do mundo virtual com o material.
- **Indissociabilidade entre os mundos *on* e *offline*. – QUESTÃO CORRETA**

02

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. *Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’*. *Nexo Jornal*, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

De acordo com o texto, o surgimento da vida *on-life* se deu a partir da

- tentativa de fuga dos problemas do mundo real.
- **utilização indiscriminada das tecnologias digitais. – QUESTÃO CORRETA**
- divergência de condutas nos mundos real e virtual.
- instauração de um quadro de atenção fragmentada.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Considerando as informações veiculadas no 3º parágrafo, é INCORRETO afirmar que:

- A desconexão com mundo virtual revela-se quase impossível.
- As tecnologias digitais desrespeitam a privacidade dos usuários.
- As fronteiras entre os mundos *on* e *offline* se apresentam tênues.
- A regulamentação das tecnologias digitais permanece ineficiente. – QUESTÃO CORRETA

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. *Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’*. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

No enunciado “*Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, [...] (2º§), o termo destacado significa:*

- Culpar.
- **Difamar. – QUESTÃO CORRETA**
- Ludibriar.
- Admoestar.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

A pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* afirma que estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa” (5º §). Segundo o texto, esse fenômeno é caracterizado, principalmente, pelo(a):

- Afrouxamento dos vínculos sociais.
- **Presença da solidão entre os jovens. – QUESTÃO CORRETA**
- Isolamento contínuo dos mais velhos.
- Incapacidade de fazer novas amizades.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Assinale a alternativa cuja reescrita do trecho “Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas.” (1º§) manteve seu sentido original.

- Apesar de os seres humanos serem feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas.
 - Enquanto os seres humanos forem feitos de carne, sangue e interações sociais, ficará difícil administrar vidas tão distintas.
 - Ficaria difícil administrar vidas tão distintas, caso os seres humanos fossem feitos de carne, sangue e interações sociais.
 - Ficou difícil administrar vidas tão distintas, uma vez que os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais.
- QUESTÃO CORRETA

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Analise os fragmentos a seguir.

- I. “Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular [...]” (4º§)
- II. “[...] uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras [...]” (3º§)
- III. “[...] precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa.” (5º§)
- IV. “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas.” (4º§)

Pode-se afirmar que há presença de linguagem conotativa em

- I, II, III e IV.
- I e III, apenas.
- II e IV, apenas. – QUESTÃO CORRETA
- II, III e IV, apenas.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Antecipa uma informação no texto o pronome destacado em:

- “Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo [...]” (4º§) – QUESTÃO CORRETA
- “Mesmo que desliguemos os celulares, eles nos vigiam [...]” (3º§)
- “[...] nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade [...]” (2º§)
- “[...] preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto [...]” (1º§)

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Embora o registro de linguagem predominante no texto seja o formal, há algumas passagens em que regras da norma culta escrita foram infringidas. Assinale a alternativa em que ocorre emprego INADEQUADO da pontuação.

- “Inquieta, ela indaga: ‘perdemos a capacidade de fazer amigos?’.” (5º§)
- “Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de [...]” (2º§)
- “Esse mundo ‘on-life’, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito [...]” (3º§) – **QUESTÃO CORRETA**
- “Pois é, a tal vida ‘on-life’ é uma vida dividida e, como estamos vendo, não [...]” (4º§)

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Analise as posições dos pronomes destacados nos fragmentos a seguir.

- I. “eles nos vigiam” (3º§) / eles vigiam-nos
- II. “como nos mostram” (1º§) / como mostram-nos
- III. “[...] começa a se materializar [...]” (4º§) / começa a materializar-se
- IV. “Desconectar-se desse universo” (3º§) / Se desconectar desse universo

Considerando as regras de colocação pronominal da norma culta escrita, em qual(is) fragmento(s) a mudança de posição dos pronomes NÃO acarreta incorreção linguística?

- I.
- I e III. – QUESTÃO CORRETA
- II e IV.
- I, II e III.

CONHECIMENTOS DO CARGO

11

Em um Tribunal de Justiça Estadual, um grupo de assistentes sociais trabalha em estreita colaboração com advogados, psicólogos e outros profissionais do direito para tratar de casos complexos que envolvem proteção de menores, direitos da mulher e questões de guarda. Esse ambiente interdisciplinar apresenta desafios e oportunidades únicas para os assistentes sociais. A eficácia da equipe interdisciplinar depende em grande parte da capacidade dos assistentes sociais de integrar suas competências específicas com as abordagens dos outros profissionais envolvidos. Analise as afirmativas a seguir relacionadas ao trabalho do assistente social na área jurídica, considerando o projeto ético-político da profissão e a interdisciplinaridade.

- I. O projeto ético-político do serviço social enfatiza a importância da autonomia e independência do assistente social em todos os contextos; inclusive, em equipes interdisciplinares, a colaboração com outros profissionais deve se restringir para garantir a prática do serviço social.
- II. A interdisciplinaridade na prática jurídica é essencial, pois permite que assistentes sociais integrem seus conhecimentos e habilidades com os de outros profissionais, promovendo uma compreensão mais ampla e eficaz das questões legais e sociais enfrentadas pelos usuários.
- III. O assistente social no contexto jurídico deve trabalhar a partir da aplicação de conhecimentos técnicos sobre a legislação vigente e políticas públicas, integrando essas informações com as práticas de outros profissionais para melhor atender às necessidades dos usuários.
- IV. Em um ambiente interdisciplinar, o papel do assistente social deve ser passivo, focando-se principalmente em seguir as orientações de outros profissionais, como advogados e juízes, para garantir que as intervenções sociais estejam em conformidade com os procedimentos legais.

Está correto o que se afirma apenas em

- I e IV.
- **II e III. – QUESTÃO CORRETA**
- I, II e IV.
- I, III e IV.

12

Durante uma conferência sobre a prática do serviço social no contexto urbano contemporâneo, um grupo de assistentes sociais discute a respeito do papel fundamental do projeto ético-político na definição das diretrizes de sua atuação. O debate gira em torno de como os princípios do projeto ético-político do serviço social influenciam as intervenções diárias em comunidades marcadas por desigualdades sociais e econômicas profundas. De acordo com o projeto ético-político do serviço social, os elementos constitutivos principais que definem a atuação do assistente social no contexto contemporâneo, assinale a afirmativa correta.

- O projeto ético-político é estruturado em torno da conformidade com as diretrizes práticas e teóricas preestabelecidas, com foco principal na eficiência técnica e na neutralidade política em todas as intervenções.
- Os principais elementos do projeto ético-político focam, primariamente, no desenvolvimento e aprimoramento das competências técnicas dos profissionais, assegurando que as regulamentações institucionais sejam cumpridas.
- A definição do projeto ético-político está limitada à delimitação de práticas profissionais conservadoras que mantêm a ordem estabelecida, sem considerar os valores ético-políticos necessários para uma intervenção transformadora.
- **O projeto ético-político articula uma imagem ideal da profissão, prioriza os valores que a legitimam socialmente, e inclui a definição de objetivos, funções e normas que guiam o comportamento dos profissionais e sua interação com a sociedade. – QUESTÃO CORRETA**

13

Maria é uma assistente social que está participando de uma capacitação sobre o projeto ético-político do serviço social. Durante a sessão, o instrutor apresenta a importância de materializar os princípios fundamentais desse projeto por meio de componentes concretos que refletem a prática dos assistentes sociais no campo. Tendo em vista os componentes que dão materialidade aos elementos constitutivos desse projeto, Maria foi incitada a descrever os meios pelos quais os assistentes sociais expressam tais princípios na prática. Considerando a resposta de Maria, assinale a alternativa correta.

- A prática dos assistentes sociais é fundamentada na autonomia de ações isoladas, com pouca ou nenhuma referência às diretrizes éticas, políticas ou legais estabelecidas pelos órgãos reguladores da profissão.
- A efetivação dos princípios ético-políticos do serviço social ocorre por meio de intervenções diretas em comunidades carentes, sem a necessidade de interações mais amplas com estruturas políticas ou educacionais.
- Os assistentes sociais são encorajados a adotar uma postura predominantemente teórica, focando na educação continuada sem envolvimento direto com as instâncias político-organizativas ou com o arcabouço jurídico-político.
- Os assistentes sociais objetivam os princípios do projeto ético-político através da participação ativa em fóruns deliberativos e organizações sindicais, da contribuição para a legislação social relevante e da aderência ao Código de Ética Profissional e outras regulamentações jurídicas. – QUESTÃO CORRETA

14

Ana é uma assistente social que está desenvolvendo um projeto comunitário para melhorar as condições de vida em um bairro de alta vulnerabilidade social. Durante o planejamento do projeto, ela percebe que precisa considerar vários fatores que influenciam a constituição e a eficácia do projeto. Seu supervisor pede que ela reflita sobre qual aspecto é mais crucial ao pensar em projetos individuais ou coletivos em uma sociedade de classes. Considerando a complexidade de projetos em uma sociedade de classes, qual das seguintes opções Ana deverá priorizar inicialmente na sua análise?

- O caráter político de toda e qualquer prática. – QUESTÃO CORRETA
- A influência das condições econômicas subjacentes.
- A interação entre diferentes estruturas sociais e a dinâmica de poder.
- O papel das ideologias dominantes na orientação das metas e metodologias.

15

O contexto se dá em função da mudança de perspectiva da saúde mental que antes seguia o modelo médico e, atualmente, se baseia no modelo biopsicossocial. Essas transformações foram frutos de luta de profissionais. Tornou-se necessário, portanto, revisar alguns conhecimentos relativos a atenção à pessoa com transtorno mental, tendo o seu enfoque de estudos na temática dos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Rede de Atenção Psicossocial. O documentário “Holocausto Brasileiro”, de Luciana Arbex, mostra a triste realidade da saúde mental no Brasil. O exemplo do “Hospital Colônia” ficou conhecido pelas atrocidades sofridas pelos seus internos. A perspectiva de mudança com a Reforma Psiquiátrica apresentou como uma das características: a mudança de foco da assistência mental do modelo hospitalocêntrico para serviços de estrutura aberta e comunitária. A mudança teve como objetivo ofertar uma atenção humanizada que visa tratar o indivíduo em toda a sua singularidade, respeitando e favorecendo a sua total recuperação e acompanhamento sem retirá-lo do convívio social e familiar.

De acordo com a Reforma Psiquiátrica e a participação/atuação do serviço social, analise as afirmativas a seguir.

- I. O serviço social teve participação ativa no processo de ressignificação da saúde mental.
- II. Os serviços hospitalares de longa permanência (manicômios) foram sendo substituídos por uma proposta de um modelo de atenção centralizada e com base comunitária.
- III. Nesse novo modelo de atendimento, mais humanizado, o usuário não é retirado do convívio comunitário e familiar, sendo mais produtiva a sua reabilitação social.
- IV. Nesse contexto, há uma reformulação do trabalho desenvolvido pela equipe multidisciplinar que passou a realizar abordagens baseadas em ações individuais.

Está correto o que se afirma em

- I, II, III e IV.
- I e III, apenas. – QUESTÃO CORRETA
- II e III, apenas.
- II e IV, apenas.

16

O contexto se dá em função da mudança de perspectiva da saúde mental que antes seguia o modelo médico e, atualmente, se baseia no modelo biopsicossocial. Essas transformações foram frutos de luta de profissionais. Tornou-se necessário, portanto, revisar alguns conhecimentos relativos a atenção à pessoa com transtorno mental, tendo o seu enfoque de estudos na temática dos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Rede de Atenção Psicossocial. O documentário “Holocausto Brasileiro”, de Luciana Arbex, mostra a triste realidade da saúde mental no Brasil. O exemplo do “Hospital Colônia” ficou conhecido pelas atrocidades sofridas pelos seus internos. A perspectiva de mudança com a Reforma Psiquiátrica apresentou como uma das características: a mudança de foco da assistência mental do modelo hospitalocêntrico para serviços de estrutura aberta e comunitária. A mudança teve como objetivo ofertar uma atenção humanizada que visa tratar o indivíduo em toda a sua singularidade, respeitando e favorecendo a sua total recuperação e acompanhamento sem retirá-lo do convívio social e familiar.

Sobre o serviço social e a Reforma Psiquiátrica, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

- () Em meados da Reforma Psiquiátrica, as equipes executavam ações (Ações Integrais de Saúde – AIS) que, mais tarde, se constituiriam no Sistema Único de Saúde (SUS).
- () Os longos períodos de internação nos asilos e hospitais passam gradativamente a serem substituídos por programas de reabilitação social, via oficinas e atividades laborativas.
- () Houve a criação de equipes de saúde mental (médico psiquiatra, psicólogo e assistente social constituíam a equipe mínima) em ambulatórios e postos de saúde.
- () As equipes passam a ter ações regionalizadas para uma atenção primária e preventiva em saúde mental.

A sequência está correta em

- **V, V, V, V. – QUESTÃO CORRETA**
- V, F, V, F.
- F, V, F, V.
- F, F, F, F.

17

O período de pandemia apresentou desafios para os grupos em situação de vulnerabilidade, incluindo as pessoas idosas. O isolamento social trouxe vários conflitos familiares à tona e um deles foi a violação financeira dos idosos. Pesquisas demonstram que a violência ao idoso ocorre, em sua maior parte, no ambiente doméstico por parte da família e cuidador. Vitória é estagiária no Tribunal de Justiça de Minas Gerais e frequentemente tem contato com casos de violência contra a pessoa idosa, sobretudo, relativa às questões financeiras e cuidados. Essas situações a faz pesquisar e reforçar conhecimentos sobre as multas e penas do Estatuto da Pessoa Idosa. Sobre as penalidades aplicáveis para o descumprimento do Estatuto da Pessoa Idosa é correto afirmar que, EXCETO:

- Constitui crime punível com reclusão de seis meses a um ano e multa por recusar, retardar ou dificultar atendimento ou deixar de prestar assistência à saúde, sem justa causa, à pessoa idosa.
- Previsão de pena de detenção de seis meses a três anos e multa por abandonar a pessoa idosa em hospitais, casas de saúde, entidades de longa permanência, ou congêneres, ou não prover suas necessidades básicas.
- Previsão de pena de reclusão de seis meses a um ano e multa por discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade.
- **Previsão de pena de detenção de seis meses a três anos e multa por expor a perigo a integridade e a saúde, física ou psíquica, da pessoa idosa, submetendo-a a condições desumanas ou degradantes ou privando-a de alimentos e cuidados indispensáveis, quando obrigado a fazê-lo, ou sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado. – QUESTÃO CORRETA**

18

A invisibilidade social é um fator gerador de vulnerabilidade. Prova disso é o Decreto nº 7.053 de 2009 sobre Política Nacional para a População em Situação de Rua. Em pouco mais de quatorze anos ainda se discute limpeza social, violação de direitos, dentre outras situações recorrentes. A pandemia também deixou seu rastro nas ruas, gerando mais desemprego, agravantes de dependência química e alcoólica, rupturas familiares, aumentando a população em situação de rua. Há que se ter um novo olhar para essas pessoas, sua condição e acesso aos direitos. Em 2023, a deputada federal Erika Hilton propôs alterações nessa política, incluindo questões de reinserção social e trabalho. Em janeiro de 2024, a Lei nº 14.821 instituiu a Política Nacional de Trabalho Digno e Cidadania para a População em Situação de Rua (PNTC PopRua). Sobre os Direitos da pessoa em situação de rua e as referidas legislações, analise as afirmativas a seguir.

- I. Um dos princípios da Lei nº 14.821/2024 é a sustentabilidade ambiental.
- II. Um dos princípios do Decreto nº 7.053/2009 é o respeito à dignidade da pessoa humana.
- III. Uma das diretrizes do Decreto nº 7.053/2009 é a integração das políticas públicas em cada nível de governo.
- IV. Uma das diretrizes da Lei nº 14.821/2024 é a garantia, no acesso ao trabalho e à renda, de transversalidade e de articulação territorial com outras políticas públicas setoriais, de áreas como saúde, assistência social e habitação.

Está correto o que se afirma em

• I, II, III e IV. – **QUESTÃO CORRETA**

- I e III, apenas.
- II e IV, apenas.
- III e IV, apenas.

19

A violência de gênero decorre das relações de poder construídas e reforçadas historicamente na nossa sociedade, reservando maior vulnerabilidade ao gênero feminino e não ao sexo biológico. Samara é assistente social e está pleiteando estágio junto ao Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Para tanto, ela se atualiza quanto aos direitos da população em situação de vulnerabilidade social. Considerando algumas informações pertinentes à aplicação da Lei Maria da Penha em caso de violação de direitos de mulheres e, ainda, as informações hipotéticas e os direitos das pessoas da Comunidade LGBTQIAPN+ analise as afirmativas a seguir.

- I. A Lei Maria da Penha é aplicável à violência contra mulher transgênero.
- II. A Lei Maria da Penha é aplicável em caso de violência de casal homoafetivo feminino.
- III. As relações pessoais enunciadas no Art. 5º da Lei Maria da Penha independem de orientação sexual.
- IV. O Art. 5º da Lei Maria da Penha versa sobre a configuração de violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família, em qualquer relação íntima de afeto.

Está correto o que se afirma em

• I, II, III e IV. – **QUESTÃO CORRETA**

- I e III, apenas.
- II e IV, apenas.
- I, III e IV, apenas.

20

Sílvio, além de ser o atual ministro dos Direitos Humanos, é pós-doutor pela Faculdade de Direito de determinada universidade. Com longa carreira docente e trajetória nos estudos do direito e da filosofia, possui alguns artigos publicados que merecem destaque: “Republicanismo e questão racial”; “Crise, racismo e neoliberalismo”; “Estado e direito: a construção da raça”. A questão racial, no Brasil, urge de tal forma a proporcionar intersecção entre dois ministérios atuais – o Direitos Humanos de Sílvio de Almeida e o de Anielle Franco, da Igualdade Racial. A importância da pauta está na vida de quem precisa. E por quê? Há no racismo estrutural e na injúria racial, as bases para as discriminações, preconceitos e exclusões que carecem de ser refletidas, debatidas e inseridas no rol das agendas das políticas públicas. Como podem ser classificadas as ações afirmativas que garantem cotas raciais em concursos públicos e processos seletivos universitários?

- Políticas públicas regulatórias.
- **Políticas públicas distributivas. – QUESTÃO CORRETA**
- Políticas públicas constitutivas.
- Políticas públicas redistributivas.

21

Em um município brasileiro, a Administração Pública propõe um projeto de expansão dos serviços de assistência social para áreas de alta vulnerabilidade social. Com o objetivo de adequar o projeto às exigências legais e éticas, surgem questionamentos sobre as normas de contratação, supervisão e ética profissional dos assistentes sociais. Baseado na Lei nº 8.662/1993, que regula a profissão de assistente social no Brasil, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

- () Pode exercer a profissão de assistente social os possuidores de diploma em curso de graduação em serviço social, oficialmente reconhecido, expedido por estabelecimento de ensino superior existente no país, devidamente registrado no órgão competente.
- () Os assistentes sociais têm competência privativa para planejar, executar e avaliar políticas sociais junto a órgãos da Administração Pública.
- () A supervisão direta de estagiários de serviço social pode ser realizada por qualquer assistente social, independentemente de seu *status* profissional.
- () Os Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS) têm autonomia administrativa, mas dependem financeiramente do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) para suas operações.

A sequência está correta em

• V, F, F, F. – QUESTÃO CORRETA

- V, V, F, F.
- F, F, F, V.
- V, V, F, V.

22

Em uma cidade média do Brasil, a prefeitura está planejando uma reformulação de seus programas de assistência social para melhorar o suporte à população vulnerável. Como parte do projeto, será necessário revisar a contratação, as funções e a supervisão dos assistentes sociais para assegurar que as práticas estejam alinhadas com a legislação nacional. Um comitê foi formado para avaliar o cumprimento das normas legais e éticas pelos profissionais envolvidos e pelos programas de formação de estagiários em serviço social. Sobre a prática e a regulamentação da profissão de assistente social, conforme a Lei nº 8.662/1993, assinale a afirmativa INCORRETA.

- O exercício da profissão de assistente social é livre em todo o território nacional; contudo, requer prévio registro nos Conselhos Regionais de Serviço Social que tenham jurisdição sobre a área de atuação do interessado.
- **Indivíduos com diploma de nível superior podem exercer a profissão de assistente social, desde que o diploma seja em uma área relacionada e estejam devidamente registrados em um Conselho Regional de Serviço Social. – QUESTÃO CORRETA**
- Entre as atribuições privativas do assistente social está a capacidade de assessorar e prestar consultoria a órgãos da Administração Pública direta e indireta, empresas privadas e outras entidades, em matéria de serviço social.
- É competência do assistente social planejar, organizar e administrar benefícios e serviços sociais, além de prestar assessoria e consultoria a órgãos da Administração Pública direta e indireta, empresas privadas e outras entidades.

23

No Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), estagiários de serviço social enfrentam desafios únicos ao aplicar a teoria à prática dentro do contexto jurídico. Um dos desafios observados é a integração dos estagiários em equipes multidisciplinares que lidam com casos complexos envolvendo direitos da família, infância e juventude. Além disso, questões de sigilo e ética profissional se tornam especialmente sensíveis devido à natureza dos casos tratados. Diante desse cenário, supervisão e orientação adequadas dos estagiários são cruciais para o sucesso de suas intervenções e aprendizado. Baseando-se na literatura especializada sobre a dimensão técnico-operativa do serviço social e a legislação pertinente, analise as afirmativas a seguir.

- I. Estagiários de serviço social no TJMG podem atuar independentemente, sem a necessidade de supervisão direta, desde que tenham conhecimento prévio dos procedimentos legais e éticos envolvidos.
- II. O trabalho de estagiários de serviço social no contexto jurídico, como no TJMG, exige um conhecimento das políticas públicas e legislação específica de direitos humanos e família.
- III. A utilização de tecnologias de informação por estagiários de serviço social no TJMG é proibida, para preservar o sigilo e a privacidade dos casos tratados.
- IV. A supervisão contínua e efetiva é essencial para estagiários de serviço social no TJMG, garantindo que suas intervenções se alinhem às melhores práticas e regulamentações éticas.

Está correto o que se afirma apenas em

• II e IV. – QUESTÃO CORRETA

- I, II e III.
- I, II e IV.
- II, III e IV.

No contexto jurídico de uma Vara de Família, um assistente social enfrenta desafios diários ao mediar conflitos familiares complexos, como disputas de guarda e adoções. As exigências do papel incluem uma compreensão profunda das leis de proteção à criança e ao adolescente, bem como a habilidade de aplicar técnicas de mediação que respeitem os direitos e o bem-estar das partes envolvidas. Baseando-se nos princípios da dimensão técnico-operativa do serviço social, analise as afirmativas relacionadas ao trabalho do assistente social na área jurídica e assinale a INCORRETA.

- O assistente social deve possuir conhecimentos especializados em legislação relevante, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para orientar suas práticas e decisões no contexto jurídico.
- **A imparcialidade é dispensável no trabalho do assistente social em contextos jurídicos, pois sua principal função é defender os interesses da parte mais vulnerável em disputas de guarda e adoções. – QUESTÃO CORRETA**
- Ferramentas como entrevistas, visitas domiciliares e relatórios são essenciais na coleta de informações e na avaliação das condições socioeconômicas e emocionais das famílias atendidas pelo assistente social na área jurídica.
- Na área jurídica, é fundamental que o assistente social utilize metodologias de intervenção que promovam a autonomia das partes envolvidas, permitindo-lhes participar ativamente nas decisões que afetam suas vidas.

Catarina é assistente social pós-graduanda e, atualmente, compõe a equipe de estagiários do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ/MG). Em sua rotina busca sempre manter-se atualizada quanto aos assuntos de temas centrais nos processos. Ultimamente, tem notado que os casos de internação compulsória para dependentes químicos têm aumentado vertiginosamente. Em uma reunião de equipe, os profissionais do serviço social e estagiários debatem sobre os fatores relacionados a esse crescente de processos e discutem sobre os desafios na atenção e reinserção social de dependentes químicos. Em uma tarde de reuniões, foram apresentados por meio de *slides* as seguintes informações:

Slide 10: O termo “reinserção social”, no âmbito do cuidado a pessoas com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, é ancorado no princípio da reforma psiquiátrica, que defende que o tratamento deve ocorrer no contexto de serviços substitutivos com base na criação de novos dispositivos no território. Nesse sentido, a reinserção social desponta como uma noção importante para pensar as novas práticas e o cuidado fora dos muros do hospital, sem excluir o sujeito do seu convívio familiar e comunitário.

Slide 15: A Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002 do Ministério da Saúde, considera o disposto na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS – SUS 01/2001 e as atualizações constantes da Portaria MS/SAS nº 224 de 1992 para o estabelecimento dos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS. Esses Centros podem constituir-se nas seguintes modalidades de serviços definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional. Para os casos de assistência prestada aos pacientes com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, o atendimento é realizado no CAPSad, de forma a tratar, integrar e ressocializar.

Slide 19: Segundo Ministério da Saúde, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) trata-se de um conjunto de diferentes serviços disponíveis na esfera comunitária e municipal, que articulados formam uma rede, devendo ser capaz de cuidar das pessoas com transtornos mentais e com problemas em decorrência do uso de drogas, bem como a seus familiares, nas suas diferentes necessidades. A partir desses conhecimentos, o grupo compreendeu que se trata de uma situação complexa e certos de que precisam de reforço na equipe, solicitaram mais vagas de estágio e revisão dos contratos atuais.

No tocante à atenção e reinserção social de usuários dependentes químicos é correto afirmar que, EXCETO:

- A dependência química é uma doença multifatorial e que não está restrita a qualquer grupo social, racial ou etário.
- **As pessoas acometidas pela dependência química têm garantido por lei o direito à assistência setorial, interdisciplinar e direcionada. – QUESTÃO CORRETA**
- O incremento nas capacidades de apoio dos familiares e nas relações sociais saudáveis também alavancam o tratamento e ajudam a reduzir possíveis recaídas.
- O dependente químico deve contar com apoio assistencial que compreenda o amparo às suas necessidades fundamentais, o encorajamento da autoestima, fortalecimento da autonomia, estímulo à educação, qualificação laboral e auxílio para o ingresso no mercado de trabalho.

Catarina é assistente social pós-graduanda e, atualmente, compõe a equipe de estagiários do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ/MG). Em sua rotina busca sempre manter-se atualizada quanto aos assuntos de temas centrais nos processos. Ultimamente, tem notado que os casos de internação compulsória para dependentes químicos têm aumentado vertiginosamente. Em uma reunião de equipe, os profissionais do serviço social e estagiários debatem sobre os fatores relacionados a esse crescente de processos e discutem sobre os desafios na atenção e reinserção social de dependentes químicos. Em uma tarde de reuniões, foram apresentados por meio de *slides* as seguintes informações:

Slide 10: O termo “reinserção social”, no âmbito do cuidado a pessoas com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, é ancorado no princípio da reforma psiquiátrica, que defende que o tratamento deve ocorrer no contexto de serviços substitutivos com base na criação de novos dispositivos no território. Nesse sentido, a reinserção social desponta como uma noção importante para pensar as novas práticas e o cuidado fora dos muros do hospital, sem excluir o sujeito do seu convívio familiar e comunitário.

Slide 15: A Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002 do Ministério da Saúde, considera o disposto na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS – SUS 01/2001 e as atualizações constantes da Portaria MS/SAS nº 224 de 1992 para o estabelecimento dos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS. Esses Centros podem constituir-se nas seguintes modalidades de serviços definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional. Para os casos de assistência prestada aos pacientes com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, o atendimento é realizado no CAPSad, de forma a tratar, integrar e ressocializar.

Slide 19: Segundo Ministério da Saúde, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) trata-se de um conjunto de diferentes serviços disponíveis na esfera comunitária e municipal, que articulados formam uma rede, devendo ser capaz de cuidar das pessoas com transtornos mentais e com problemas em decorrência do uso de drogas, bem como a seus familiares, nas suas diferentes necessidades. A partir desses conhecimentos, o grupo compreendeu que se trata de uma situação complexa e certos de que precisam de reforço na equipe, solicitaram mais vagas de estágio e revisão dos contratos atuais.

São atividades do CAPSad para pacientes com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, EXCETO:

- Atendimento à família.
- Atendimento individual (medicamentoso, psicoterápico, de orientação, entre outros).
- **Atendimento em oficinas terapêuticas executadas no contexto socioeducativo de adolescentes. – QUESTÃO CORRETA**
- Atendimento em grupos (psicoterapia, grupo operativo, atividades de suporte social, entre outros).

Catarina é assistente social pós-graduanda e, atualmente, compõe a equipe de estagiários do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ/MG). Em sua rotina busca sempre manter-se atualizada quanto aos assuntos de temas centrais nos processos. Ultimamente, tem notado que os casos de internação compulsória para dependentes químicos têm aumentado vertiginosamente. Em uma reunião de equipe, os profissionais do serviço social e estagiários debatem sobre os fatores relacionados a esse crescente de processos e discutem sobre os desafios na atenção e reinserção social de dependentes químicos. Em uma tarde de reuniões, foram apresentados por meio de *slides* as seguintes informações:

Slide 10: O termo “reinserção social”, no âmbito do cuidado a pessoas com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, é ancorado no princípio da reforma psiquiátrica, que defende que o tratamento deve ocorrer no contexto de serviços substitutivos com base na criação de novos dispositivos no território. Nesse sentido, a reinserção social desponta como uma noção importante para pensar as novas práticas e o cuidado fora dos muros do hospital, sem excluir o sujeito do seu convívio familiar e comunitário.

Slide 15: A Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002 do Ministério da Saúde, considera o disposto na Norma Operacional de Assistência à Saúde – NOAS – SUS 01/2001 e as atualizações constantes da Portaria MS/SAS nº 224 de 1992 para o estabelecimento dos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS. Esses Centros podem constituir-se nas seguintes modalidades de serviços definidos por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional. Para os casos de assistência prestada aos pacientes com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, o atendimento é realizado no CAPSad, de forma a tratar, integrar e ressocializar.

Slide 19: Segundo Ministério da Saúde, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) trata-se de um conjunto de diferentes serviços disponíveis na esfera comunitária e municipal, que articulados formam uma rede, devendo ser capaz de cuidar das pessoas com transtornos mentais e com problemas em decorrência do uso de drogas, bem como a seus familiares, nas suas diferentes necessidades. A partir desses conhecimentos, o grupo compreendeu que se trata de uma situação complexa e certos de que precisam de reforço na equipe, solicitaram mais vagas de estágio e revisão dos contratos atuais.

Com base no slide 19 do caso hipotético, são considerados objetivos da RAPS, EXCETO:

- Ampliar o acesso à atenção psicossocial da população em geral.
- **Proporcionar estratégias de desinstitucionalização e reabilitação. – QUESTÃO CORRETA**
- Promover o acesso das pessoas com transtornos mentais e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas e suas famílias aos pontos de atenção.
- Garantir a articulação e integração dos pontos de atenção das redes de saúde no território, qualificando o cuidado por meio do acolhimento, do acompanhamento contínuo e da atenção às urgências.

28

De acordo com o Observatório Brasileiro de Informações sobre drogas (OBID), a reinserção social está atrelada ao conceito de exclusão que, por sua vez, está relacionado ao ato de privar alguém de determinadas funções. Nesse sentido, a exclusão se caracteriza pela falta de acesso a sistemas sociais básicos, tais como família, moradia, trabalho, saúde etc., sendo necessário o processo de reinserção social com a finalidade de reconstrução das perdas e capacitação para exercer o direito à cidadania. Roberta é assistente social no CAPSad realizando, dentre outras atividades, o atendimento à família, individual e em grupo, visitas e atendimentos domiciliares. Segundo ela e sua equipe, o processo de reinserção e inclusão social de dependentes químicos perpassa por várias questões e para melhor abordar tais assuntos, farão estudo social dos atendidos para a proposta de projeto. A priori, o projeto contará com ações de oficina de arte e cultura e rodas de conversa como forma de sensibilizar e conscientizar os usuários. Sobre o trabalho realizado por Roberta, à luz da reinserção social de usuários e dependentes químicos, analise as assertivas a seguir.

- I. O projeto deve considerar oficinas terapêuticas executadas por profissional de nível universitário ou de nível médio.
- II. O projeto deve estimular o protagonismo dos usuários e familiares, promovendo atividades participativas e de controle social.

Assinale a afirmativa correta.

- Apenas a assertiva I está correta.
- Apenas a assertiva II está correta.
- **As assertivas I e II estão corretas. – QUESTÃO CORRETA**
- As assertivas I e II estão incorretas.

29

M é assistente social pós-graduanda e está estudando para o Processo Seletivo de Estagiários do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ/MG). Para tanto, precisa revisar alguns conhecimentos relativos a atenção à pessoa com transtorno mental e tem seu enfoque de estudos na temática dos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Rede de Atenção Psicossocial. Em um documento do Ministério da Saúde, M encontra a seguinte definição: O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um serviço de saúde estratégico aberto e comunitário do SUS, local de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e persistentes e demais quadros que justifiquem sua permanência num dispositivo de atenção diária, personalizado e promotor da vida. E, ainda, complementando seus estudos sobre CAPS, encontrou dados quantitativos que, atualmente, o Brasil conta com 2,8 mil CAPS habilitados, distribuídos entre 1.910 municípios de todos os estados e no Distrito Federal. O SUS também está estruturando e expandindo uma rede de Ambulatórios Multiprofissionais Especializados (AMENT), já contando com 224 serviços habilitados no país. Compreendendo a complexidade do assunto, M ainda se dispõe a pesquisar sobre os serviços e equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial, complementando suas anotações.

Tendo em vista que a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) é composta por serviços e equipamentos variados, articulados de forma integrada por diferentes serviços e ações, igualmente importantes e complementares, nos estudos de M são considerados serviços e equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial, EXCETO:

- Equipes de Consultório na Rua.
- Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).
- Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT).
- **Estratégias de Desinstitucionalização e Reabilitação. – QUESTÃO CORRETA**

M é assistente social pós-graduanda e está estudando para o Processo Seletivo de Estagiários do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ/MG). Para tanto, precisa revisar alguns conhecimentos relativos a atenção à pessoa com transtorno mental e tem seu enfoque de estudos na temática dos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Rede de Atenção Psicossocial. Em um documento do Ministério da Saúde, M encontra a seguinte definição: O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um serviço de saúde estratégico aberto e comunitário do SUS, local de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e persistentes e demais quadros que justifiquem sua permanência num dispositivo de atenção diária, personalizado e promotor da vida. E, ainda, complementando seus estudos sobre CAPS, encontrou dados quantitativos que, atualmente, o Brasil conta com 2,8 mil CAPS habilitados, distribuídos entre 1.910 municípios de todos os estados e no Distrito Federal. O SUS também está estruturando e expandindo uma rede de Ambulatórios Multiprofissionais Especializados (AMENT), já contando com 224 serviços habilitados no país. Compreendendo a complexidade do assunto, M ainda se dispõe a pesquisar sobre os serviços e equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial, complementando suas anotações.

Analise as afirmativas a seguir de acordo com a atenção à pessoa com transtorno mental.

- I. Os CAPS podem ser de tipo I, II, III, álcool e drogas (CAPSad) e infantojuvenil (CAPSi).
- II. Para implantação do CAPS deve-se primeiro observar o critério populacional, cujos parâmetros são definidos de acordo com a Portaria GM nº 336, de 19/02/02.
- III. Como forma de ampliar o acesso ao cuidado em saúde mental, projetos piloto estão sendo desenvolvidos com o objetivo de acolher e direcionar a pessoa com o objetivo de prevenir autoextermínio (suicídio) e automutilação, a exemplo disso tem-se o Linha Vida (196) do Distrito Federal.
- IV. A Portaria nº 1836/2022 publicou o regimento da Estratégia Nacional de Fortalecimento dos Cuidados à Ansiedade e Depressão (Transtornos do Humor) pós-pandemia. Tal iniciativa busca incentivar a criação de 150 novos serviços ambulatoriais para atendimento de crianças e adolescentes com ansiedade e depressão.

Está correto o que se afirma em

• I, II, III e IV. – **QUESTÃO CORRETA**

- I e III, apenas.
- II e III, apenas.
- II e IV, apenas.